

Aurineide Profírio Barros Correia

Mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco UNICAP). Doutoranda em Linguística pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6883-1885>.

Antônio Carlos Santos de Lima

Doutor em Linguística. Professor do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFAL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2219-7441>.

Sidiane Ferreira Batista

Mestra em Linguística pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutoranda em Linguística pela mesma universidade. Professora da Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (SEDUC) e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6457-5079>.

Alexandre Henrique Barros Correia

Licenciado em Filosofia e Letras/Português pela Universidade Estácio de Sá - Alagoas. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Linguagens e Tecnologias (GPELT/CNPq/IFAL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3333-7366>.

Recebido em:
04/02/2023

Aceito em:
08/06/2023

MAI / AGO 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 5-18

A língua como instituição social: contribuições de Ferdinand Saussure¹

Language as a social institution: contributions from Ferdinand in Saussure

Aurineide Profírio Barros Correia

Universidade Federal de Alagoas

Antônio Carlos Santos de Lima

Instituto Federal de Alagoas

Sidiane Ferreira Batista

Universidade Federal de Alagoas

Alexandre Henrique Barros Correia

Universidade Estácio de Sá

RESUMO

Neste artigo busca-se refletir sobre a natureza social da língua no pensamento saussuriano. Para essa finalidade, considera-se a concepção de língua como instituição social assumida por Saussure, diferenciando-a da concepção assumida por William Dwight Whitney (1827-1824) - linguista norte-americano. Essa discussão se justifica a partir da necessidade de reavaliar a atualidade do pensamento saussuriano e a sua produtividade no cenário contemporâneo das investigações das ciências da linguagem. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza bibliográfica, cujas análises estão fundamentadas no *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]) e em *Notas para um artigo sobre Whitney*, publicadas nos *Escritos de Linguística Geral* (2004), organizados e editados por Simón Bouquet e Rudolf Engler. Após a análise, constatamos que Saussure ainda lidava com incertezas epistemológicas essenciais para a formulação da sua teoria, evidenciando as especificidades da língua como atividade que se situa no nível do inconsciente, impossibilitando seus deslocamentos de valor diante da vontade individual e/ou coletiva de forma geral e repentina. Nessa perspectiva, considerava a língua uma instituição sem análogo, visto que a sua natureza é dupla.

PALAVRAS-CHAVE

Saussure. Língua. Linguagem. Natureza social da língua.

1 Artigo produzido a partir de reflexões na disciplina Linguística Geral, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL), sob a regência do professor Dr. Aldir Santos de Paula.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the social nature of language in Saussurean thought. For this purpose, Saussure's conception of language as a social institution is considered, differentiating it from the conception assumed by William Dwight Whitney (1827-1824), an American linguist. This discussion is justified by the need to reassess the relevance of Saussurean thought and its productivity in the contemporary scenario of language sciences research. It is an exploratory research of a bibliographic nature, whose analyses are based on the *Course in General Linguistics* (2012 [1916]) and on *Notes for an Article on Whitney*, published in the *Writings in General Linguistics* (2004), organized and edited by Simon Bouquet and Rudolf Engler. After the analysis, it is observed that Saussure still grappled with essential epistemological uncertainties for the formulation of his theory, highlighting the specificities of language as an activity situated at the level of the unconscious, making its value shifts impossible in the face of individual and collective will in a general and sudden manner. From this perspective, language was considered an institution without analogy, since its nature is twofold.

KEYWORDS

Saussure. Language. Language. Social nature of language

1. Introdução

O pensamento inovador de Ferdinand de Saussure (1857-1913) sobre os estudos da linguagem repercute em todas as teorias linguísticas da modernidade, mesmo quando essas teorias se opõem a uma ideia de língua como um sistema de signos. Nesse sentido, independentemente das diversas maneiras que o seu pensamento tenha sido recebido ao longo de pouco mais de um século, faz-se necessário evidenciar que para os estudos da linguagem “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 2005, p. 35).

As concepções saussurianas sobre a linguagem chegaram ao público por meio de sua obra póstuma, sob o título *Curso de Linguística Geral*², a qual teve a sua primeira edição no ano de 1916 e foi organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos e seguidores de Saussure.

Foi dessa forma que, no século XX, os estudos linguísticos alcançaram o *status* de ciência autônoma, detendo o próprio objeto de estudo e o seu método de análise. Saussure, inspirado pelas ideias dos neogramáticos e fazendo críticas a elas, estabeleceu a língua como objeto de estudos da Linguística, pois, segundo o autor, ela “é um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41).

Faz-se necessário ressaltar que Saussure não é considerado o pai da linguística moderna por acaso. Nascido em Genebra (Suíça), no seio de uma família tradicional de intelectuais e com uma sólida formação científica, desde muito jovem evidenciava o seu rigor metodológico, a exemplo do seu *Mémoire sur Le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*.

nes³, publicado quando ele tinha apenas vinte e um anos. Seus estudos revelam o emprego de conceitos positivistas de ciência que eram sistematizados objetivamente, demonstrando suas teorias de forma clara e precisa (BOUISSAC, 2012).

Essas características revelam um estudioso atento às demandas científicas do seu tempo, uma época em que “o conhecimento científico era, cada vez mais, baseado nos famosos métodos empíricos e formais” (BOUISSAC, 2012, p. 120) e a subjetividade suscitava dúvidas e muitos questionamentos. Nesse sentido, o *Curso* reflete o rigor e a lógica positivista-empirista empregada nas ciências naturais e o comparatismo dos neogramáticos, que utilizava o positivismo de maneira mais refinada e adequada a tais estudos (RODRIGUES, 2008).

A importância dos estudos de Saussure para a consolidação da Linguística Moderna também se estabelece por suas concepções epistemológicas sobre língua e linguagem, as quais são a base para o desenvolvimento de seu pensamento sobre os estudos linguísticos.

Para além da consolidação da Linguística como ciência autônoma, Ferdinand de Saussure inaugura a concepção estruturalista da linguagem, concebendo-a como um conjunto de signos organizados, formando um todo significativo, no qual cada elemento só adquire valor a partir de sua relação com os seus pares. Na visão de Mattoso Câmara Jr. (2011), o Estruturalismo

é uma nova forma de encarar os fenômenos [linguísticos] porque faz com que a significação dependa, completa e exclusivamente, das suas relações íntimas e liberta esta concepção de outros postulados, falsos ou unilaterais, que tinham sido explicitamente enunciados e através dos quais se devia deduzir a existência de relações vagas e indistintas (CÂMARA JR, 2011, p. 134, acréscimo nosso).

A esse respeito, Normand (2009) destaca que, apesar de a teoria saussuriana ser a fundadora do estruturalismo, é importante salientar que Saussure, em seu *Curso*, não utilizou a palavra estrutura e sim a palavra sistema.

É importante compreendermos que, em vida, Saussure não publicou livros ou artigos, no entanto, em 1996, em sua residência em Genebra, foram descobertos manuscritos de um livro sobre a linguística geral. Esses manuscritos reivindicam uma nova leitura sobre o pensamento saussuriano, possibilitando um novo olhar sobre as ideias do mestre genebrino. Nesse sentido, concordamos com Cruz e Faria (2019), os quais compreendem que neste novo retorno a Saussure deve-se reavaliar a atualidade do seu pensamento e a sua produtividade no cenário contemporâneo.

A publicação desses escritos direciona nosso olhar para um aspecto específico da teoria elaborada por Saussure: a língua como instituição social, da qual só tínhamos conhecimento por meio de anotações de seus alunos e da publicação da obra póstuma do *Curso* (1916) e que sempre foi alvo de questionamentos e profundos debates, visto que, para muitos, Saussure supostamente, excluiu de seus estudos o contexto exterior, a sua relação com o

mundo, pois propõe a língua como “um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 55).

Neste ponto, considerando a constatação do aspecto inacabado do pensamento de Ferdinand de Saussure, perguntamo-nos em que consiste a natureza social da língua em sua teoria, visto que, para o autor, a língua

é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 46).

Essa compreensão é distinta do aspecto apresentado pelo linguista norte-americano W. D. Whitney (1827-1894)⁴, pois, para Saussure (2012 [1916], p. 41), “a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos”.

Partindo desses pressupostos, as análises e discussões apresentadas neste artigo visam refletir sobre a perspectiva de língua como instituição social no pensamento saussuriano. O caminho metodológico que se fez necessário para este estudo se constituiu como uma pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória, cujas análises estão fundamentadas no *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]) e em *Notas para um artigo sobre Whitney*, publicadas nos *Escritos de Linguística Geral* (2004), organizados e editados por Simón Bouquet e Rudolf Engler.

De acordo com Gil (2008, p. 27), pesquisas exploratórias “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Nessa perspectiva, este estudo tem o propósito de contribuir para a compreensão do pensamento saussuriano a respeito da língua como instituição social.

Para contemplar nosso propósito investigativo, organizamos este artigo em três seções: a primeira, intitulada “Saussure: um homem do seu tempo”, na qual destacamos a formação do pensador e intelectual influenciado pelos ideais positivista-empiristas da sua época. A segunda seção, nomeada “Concepções de língua e linguagem para Saussure”, na qual revisitamos os conceitos saussurianos sobre língua e linguagem e na terceira seção, intitulada “A língua como instituição social em Saussure”, analisamos a compreensão singular de Saussure sobre o caráter social da língua.

Esperamos, dessa forma, ampliar os debates epistemológicos em torno da teoria saussuriana, principalmente em um momento no qual novas leituras do legado de Saussure são reivindicadas, seja pela recente passagem do centenário da publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 2016, seja pela descoberta e publicação dos seus manuscritos.

2. Saussure: um homem do seu tempo

A trajetória de Ferdinand de Saussure como linguista ocorreu de forma bem

peculiar, visto que pela tradição da sua família, Saussure deveria seguir os passos do pai, Henri Saussure, um bem-sucedido mineralogista e entomologista. Dessa forma, era imperativo que o jovem Saussure cursasse disciplinas científicas e acompanhasse a tradição dos estudos acadêmicos da família. No entanto, Saussure sempre demonstrou inclinações para o estudo das línguas. Aprendeu alemão, latim e grego nos primeiros anos da escola. Nada mais natural, pois essas línguas faziam parte do currículo escolar naquela época, mas, desde então, não se contentava em aprender línguas, mas “a pensar sobre a forma como palavras de línguas diferentes se relacionavam umas com as outras” (BOISSAC, 2012, p. 65).

Antes dos quinze anos, escreveu um ensaio sobre línguas e, aos dezesseis, já na Universidade de Genebra, aprendeu por conta própria sânscrito⁵, seguindo conselhos, de anos anteriores, do amigo Adolphe Pictet, famoso linguista suíço. Sua formação acadêmica foi marcada pela tentativa de seguir a tradição familiar, cursando, na Universidade de Genebra, Química e Física. Nesse período, Saussure também frequentou, com bem mais entusiasmo, os cursos de Filosofia, História da Arte, Gramática do Grego e do Latim. (BOISSAC, 2012, p. 70).

Com apenas dezoito anos e meio, Saussure, com a anuência do pai, mudou-se para a Alemanha, a fim de especializar-se em Linguística na universidade de Lípsia, centro acadêmico onde se encontravam os maiores linguistas do indo-europeu naquela época. Lípsia também era palco de “um movimento de rebelião nascente, conhecido como os neogramáticos” (BOISSAC, 2012, p. 74).

Esse grupo era formado por jovens acadêmicos na mesma faixa etária de Saussure e tinham a pretensão de ir além do mero comparatismo entre as línguas (BOISSAC, 2012). Os neogramáticos consideravam a língua como uma instituição social e percebiam a Linguística como uma ciência histórica, contrapondo ao paradigma vigente à época, inspirado no darwinismo, no qual a língua seria “um organismo desprovido de raízes, sem ambiente, crescendo por si mesma [...] ou ainda, como uma função natural” (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013, p. 22).

O próprio Saussure, em seu *Curso*, evidencia a importância dos neogramáticos no desenvolvimento da Linguística Moderna:

Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 36).

A concepção de língua defendida pelos neogramáticos repousava no trabalho inovador do linguista norte-americano William Dwight Whitney (1827-1824), “*The life and Growth of Language*” [A vida e o desenvolvimento da língua], de 1875, no qual Whitney desconstrói a visão de línguas como

organismos vivos e afirma que elas são “instituições sociais baseadas em convenções acordadas entre os membros da população” (BOISSAC, 2012, p. 74).

Dessa forma, fica evidente a gênese intelectual do pensamento saussuriano, o que implicava seu compromisso com os anseios da sociedade da sua época, o chamado cientificismo linguístico.

No período em que esteve em Lípsia, Saussure trabalhou em sua pesquisa descritiva do vocalismo indo-europeu e enviava, com regularidade, relatórios acadêmicos a Paris, “que eram lidos nas reuniões da Sociedade Linguística de Paris” (BOISSAC, 2012, 78). A monografia resultante de sua pesquisa, *Mémoire sur Le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [Memória do sistema primitivo de vogais nas línguas indo-europeias] foi publicada em Lípsia, em 1878, quando Saussure tinha 21 anos.

Essa obra marca o seu principal trabalho publicado em vida e é fundamental para o seu reconhecimento como um expoente na linguística europeia, “ele confirma e ilustra a habilidade preciosa de Saussure de dar uma visão quase matemática à língua” (BOISSAC, 2012, p. 79), apesar de ter sido praticamente ignorado pelos círculos neogramáticos. Nesse sentido, talvez, a principal prova do alcance do seu prestígio como linguista seja, posteriormente, a recepção que o CLG teve na França, visto que se tratava de uma obra póstuma de um genebrino que foi primeiramente publicada em Paris.

Saussure defendeu sua tese de doutorado em Lípsia em 1880, a qual foi escrita em francês e publicada em Genebra em 1881, cujo tema foi *O uso do genitivo absoluto em sânscrito*. Dessa forma, Saussure cumpre todo o seu percurso acadêmico e faz uma incursão de estudos à Lituânia, provavelmente fazendo pesquisas de campo “para estudar as formas coloquiais atuais da língua ali falada” (BOISSAC, 2012, p. 86). Ao retornar, mudou-se para Paris, onde teve aula com os maiores especialistas em línguas indo-europeias. Nesse período conheceu Michel Bréal, prestigiado linguista francês que viu em Saussure uma promessa de renovação para a linguística francesa e o indicou como seu substituto na *École Pratique des Hautes Études*. Foi nesse cenário, em que os estudos linguísticos assumiam corpo e vida, que Saussure efetivou, durante uma década, seu prestígio acadêmico. No entanto, em 1891, quando Saussure contava com mais de trinta anos, tornou-se imperativo o seu retorno à Genebra.

À vista disso, aos trinta e quatro anos, Saussure voltou à Universidade de Genebra, desta vez para lecionar Linguística Histórica e Comparada, levando consigo uma bagagem imensurável sobre os estudos da linguagem adquiridos em Lípsia, Berlim e França. No entanto, é importante salientar que Saussure não corroborava a abordagem científica da língua em curso, pois, “[...] recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base, que tudo repousava sobre pressupostos não verificados, e sobretudo que o linguista não sabia o que fazia” (BENVENISTE, 2006, p. 14).

Em Genebra, Saussure seguiu a sua rotina de docente, ficando quase silenciado nos grandes centros de referência de estudos da linguagem, inclusive em Paris, onde tinha sido bem-aceito e desenvolvia, sob a tutela de Bréal, um brilhante trabalho acadêmico. Posteriormente, com a descoberta

dos manuscritos originais de Saussure, soube-se que, apesar de seu aparente “silêncio” no período em que lecionava na Universidade de Genebra, o mestre nunca havia parado de investir nos estudos da linguagem, dedicando-se, nesse período, a pesquisas sobre mitos e lendas, poesia e anagramas, tendo escrito bastante sobre esses temas, especificamente sobre mitos e lendas, porém jamais tendo publicado seus textos.

Em 1906, Saussure aceitou o convite para ministrar o curso de Filosofia da linguagem, até então realizado sob os cuidados de Joseph Werheimer (1859-1908). Seu primeiro curso ocorreu entre janeiro e julho de 1907, contando com seis alunos matriculados e tendo como assunto principal a fonologia. O segundo curso ministrado por Saussure ocorreu entre novembro de 1908 e julho de 1909, com onze alunos matriculados e tendo como tópicos de discussão a relação entre a teoria do signo e a teoria da língua, definições de sistema, unidade, identidade e valor linguístico. O terceiro e último curso ocorreu entre outubro de 1910 e julho de 1911, contando com doze alunos matriculados, discutindo Linguística Externa e fazendo uma interface com os dois cursos anteriores (SAUSSURE, 2012 [1916]).

Ferdinand de Saussure faleceu em 27 de fevereiro de 1913, na cidade de Genebra, em decorrência de uma doença degenerativa. Porém, o seu legado para os estudos linguísticos ganhou eco a partir de 1916, com a organização e publicação de suas aulas ministradas nos cursos entre os anos de 1907 e 1911 sob o título *Curso de Linguística Geral* (CLG) por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger⁶.

Nesse contexto, é importante salientar que o pensamento inovador do mestre genebrino sobre Linguística Geral e Semiologia⁷ vem a público em terceira via, pois tanto Bally quanto Sechehaye não participaram dos cursos ministrados por Saussure entre os anos de 1907 e 1911, mas compilaram as anotações de seus alunos, principalmente Albert Riedlinger, que fazia anotações meticulosas de suas aulas. Nesse sentido, cabem a Bally e Sechehaye o mérito de fixar o pensamento de Saussure em uma obra orgânica, denotando a sua emergência disciplinar e a complexidade de suas ideias. Surgem, a partir de então, as bases que fundamentam uma nova ciência, a Linguística Moderna.

A obra póstuma de Saussure consolida a Linguística como uma ciência autônoma e independente de outros estudos, pois institui o seu próprio objeto de estudo, a língua e, por conseguinte, seu método de análise, que posteriormente fica conhecido como estruturalismo. O processo de determinação de um objeto de estudo é bastante complexo, exigindo do pesquisador posicionamento epistêmico; nesse sentido, Saussure (2016 [1916]) evidencia que,

dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte

6 Albert Riedlinger foi colaborador na 1ª edição do Curso.

7 “[semiótica], uma palavra antiga que é redefinida por Saussure para se referir a uma nova ciência a ser desenvolvida que se destina a oferecer a base teórica para a linguística, concebida não como uma reconstrução das transformações sonoras ao longo do eixo do tempo, mas como um estudo dos sistemas de relações que tornam possível a comunicação através da língua falada, bem como dos códigos escritos e outros signos não linguísticos em um momento específico” (BOUISSAC, 2012, p. 118).

se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si (SAUSSURE, 2016 [1916], p. 40).

Destaca-se, por conseguinte, a capacidade intelectual do mestre genebrino que consiste na explicação de um percurso teórico de abordagem da língua/linguagem que culmina na definição do objeto científico da linguística.

Além da definição de um objeto de estudo e de um método de análise para a ciência da linguagem apresentados no Curso, alguns postulados se destacam, tais como a noção de língua como sistema, o signo linguístico, a teoria do valor, entre outros, que denotam, inquestionavelmente, a importância de Saussure no desenvolvimento da Linguística até os dias atuais. Suas contribuições para a ciência da linguagem são reconhecidas por diversos teóricos nessa área, assim como Milner (1987), que insiste que “toda a linguística é por definição saussuriana” (p. 32) e Benveniste (2006, p. 15), que afirma ser sobre o pensamento de Saussure que se edificou, diretamente ou não, toda a Linguística Moderna.

3. Concepção de língua e linguagem para Saussure

Para Saussure (2012 [1916]), a linguagem, por seu caráter heterogêneo, não comporta um método eficaz de análise, pois ela se constitui

multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41).

Essa definição implica múltiplos eventos em sua totalidade. Nesse sentido, faz-se necessário evidenciar que Saussure era um pesquisador pragmático e, por isso, “empregava em seus estudos conceitos positivistas de ciência, sistematizando objetivamente suas teorias e, naturalmente, a linguagem não poderia ser tomada como objeto de estudo da linguística” (CORREIA, 2017, p. 19).

Para resolver essa questão, Saussure distingue e coloca em oposição dois fatores intrínsecos à linguagem, a língua e a fala, o que, posteriormente, viria a se constituir uma das maiores dicotomias do campo linguístico.

Para Saussure (2012), a língua é definida por um sistema de signos e constitui um fenômeno social, pois não está completa em nenhum indivíduo e “só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

A fala (*parole*), ou língua em uso, por sua vez, constitui-se em atos individuais, tornando-se imprevisível pela sua multiplicidade. Segundo Saussure (2012 [1916]), essa característica da fala impossibilitava a sua análise como um sistema, ensejando que, no *continuum* língua e fala, o pesquisador da linguagem escolhesse “entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 52).

Apesar da dicotomia apresentada, Saussure (2012 [1916], p. 40) reconhece a interdependência entre esses dois elementos, observando que é “impossível conceber um sem o outro”, pois língua e fala “estão estreitamente ligados e se implicam; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 51).

Compreende-se, dessa forma, que a opção de Saussure pela língua como objeto de estudo da Linguística em detrimento à fala “decorre tão somente da necessidade de um ‘corte epistemológico’ efetivado no interior dos estudos da linguagem para lhe conferir o caráter de ciência autônoma” (CORREIA, 2017, p. 21).

Segundo Saussure (2012 [1916], p. 161), a língua se apresenta como um sistema de signos, um sistema de convenções, no qual “os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros”. Essa afirmação carrega, implicitamente, “uma de suas principais proposições: a natureza do signo linguístico, na qual o signo é arbitrário, e comporta a união de uma forma significante e uma forma significada” (CORREIA, 2017, p. 11). Como nos afirma o próprio linguista,

de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 161).

Nessa perspectiva, o signo linguístico é compreendido como a união de um conceito e uma imagem acústica, constituindo-se em uma unidade significativa e distintiva de duas faces (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106). Essa concepção é a sustentação basilar na teoria saussuriana, na qual a imagem acústica é compreendida como uma “impressão (*empreint*) psíquica do som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106), ou seja, “trata-se da sequência fônica que pode desencadear o segundo elemento constituinte do signo, o conceito ou ideia, ou seja, um fenômeno ‘psico-semiológico’” (CORREIA, 2017, p. 23).

Posteriormente, Saussure substituiu os termos “imagem acústica” e “conceito” por significante e significado, respectivamente, pois, segundo ele “esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separam, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 107).

Essa compreensão evidencia o caráter imotivado do significante e assinala o princípio da arbitrariedade do signo, visto que ele corresponde a um conjunto de associações mentais. De acordo com tal princípio, a forma sonora que percebemos está ligada a um conceito estabelecido na mente de cada indivíduo cuja conexão não pode ser pré-determinada, o que faz com que a ligação entre o significado e o significante seja arbitrária, ou seja, não existe uma relação direta que possa unir esses dois elementos (CORREIA, 2017).

Dessa forma, a língua é um sistema autossuficiente que, por si só, dá conta da significação, visto que “conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 55). No entanto, o próprio linguista esclarece que a arbitrariedade do signo linguístico

não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 109).

A concepção de arbitrariedade do signo implica a noção de valor linguístico, visto que este se estabelece na coletividade, consolidando-se “no uso e no consenso geral” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 160). Dessa forma,

a noção de valor permeia não só a relação significado e significante, como também a relação do signo com os outros signos da língua, ou seja, a noção de valor é, sobretudo, diferencial, pois um signo se estabelece pelo que ele não é de outro signo (CORREIA, 2017, p. 24).

As reflexões sobre língua e linguagem apresentadas no *Curso*, para além de estabelecerem os fundamentos da Linguística Moderna, reconhecem uma concepção de língua como instituição social. Não que isso fosse novidade para os estudiosos da época, como os neogramáticos, ou para outros estudiosos da linguagem, contemporâneos a Saussure, a exemplo de W. D. Whitney (1827–1894), que também assumiam essa concepção de língua (FIORIN, FLORES; BARBISAN, 2013). Mas, ao mesmo tempo em que assume a língua como instituição social, o pensamento saussuriano Saussure compreende que

nenhuma outra instituição é, na mesma medida que é a língua, o resultado de ações contínuas realizadas negligentemente por uma multiplicidade de agentes. Mais que isso, as instituições geralmente podem ser intencionalmente modificadas, corrigidas por decisões organizacionais ou acordos coletivos. Mas esse não é o caso das línguas. Mesmo as academias e as regras que ela às vezes edita são impotentes no que diz respeito a impedir ou modificar o curso de uma evolução linguística. No máximo, podem descrever as mudanças que ocorrem (BOUISSAC, 2012, p. 29).

Estabelece-se, dessa forma, um deslocamento de sentido na compreensão de língua como instituição social intrínseco à teoria saussuriana. Nessa perspectiva, Saussure denota insatisfação com o tratamento dispensado aos estudos da linguagem da sua época, por vezes abstrato e subjetivo, incorrendo em generalizações (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013). Nesse sentido, na próxima seção analisaremos esse deslocamento de sentido, que confere uma compreensão singular sobre o caráter social da língua por Saussure.

4. A língua como instituição social em Saussure

Como já mencionado, Saussure confere à língua um caráter social. Essa afirmação é possibilitada por diversas passagens no *Curso*, as quais retomaremos ao longo desta seção. No entanto, no pensamento saussuriano, o qual nos chega por terceiros e de forma lacunar, a compreensão de língua na condição instituição social difere da concepção empreendida por W. D. Whitney (1827–1894).

Para Saussure (2012 [1916]), a atividade linguística se situa no nível

do inconsciente⁸, ou seja, “o signo linguístico escapa à nossa vontade” (p. 48). Dessa forma, a língua não se assemelha a uma instituição social como todas as outras, visto que foge ao controle individual. A própria massa também “não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 111). Por essas razões, afirma Saussure (2012 [1916], p. 111):

a língua não pode, pois, equiparar-se a um contrato puro e simples, e é justamente por esse lado que o estudo do signo linguístico se faz interessante; pois se se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta, e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais concludente disso (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 111).

Observa-se, portanto, que, para Saussure, uma instituição social comum comporta alterações em seu contrato social, ou seja, mudanças nas regras estabelecidas, o que determinará a sua continuidade de acordo com uma tradição histórica. Essas alterações podem ser propostas individualmente ou coletivamente, mas o mais importante é que elas podem ser aceitas ou não, de forma consciente, pelo coletivo que dela participa. Nesse sentido, no que concerne à transmissão de uma instituição social, Saussure (2012 [1916], p. 112) esclarece que para cada instituição há “um equilíbrio diferente entre a tradição imposta e a ação livre da sociedade”, no entanto, no tocante à língua “o fator histórico da transmissão a domina totalmente e exclui toda transformação linguística geral e repentina” (SAUSSURE, 2012 [1996], p. 112), pois “os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis da língua; e se não as percebem, como poderiam modificá-las?” (SAUSSURE, 2012 [1996], p. 113).

Dessa forma, a dinâmica para uma alteração de contrato no âmbito da língua ocorre de forma bastante peculiar, o que pode ser percebido

pela maneira porque a língua evolui; nada mais complexo: situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua própria vida, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor evolui, sobre a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem sempre comprovar deslocamentos sensíveis (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 116).

Não restam dúvidas, portanto, que, para Saussure, a língua é uma instituição social. No entanto, não se pode colocá-la no mesmo patamar que todas as outras (SAUSSURE, 2012 [1916]). Faz-se necessário, então, refletir sobre esse aspecto da teoria saussuriana.

Em Notas para um artigo sobre Whitney, Saussure (2004) lança mão

8 Ressaltamos que, para Saussure, o termo “inconsciente” é uma dimensão da língua a qual escapa ao controle do falante e, por isso, torna-se uma condição de possibilidade da linguagem, permitindo a comunicação e a expressão dos sujeitos. Essa concepção difere do “inconsciente” na visão de Freud, que o concebe como uma fonte de conflito e sofrimento psíquico (Cf. MACHADO, 2011; SIQUEIRA, 2018).

da metáfora da partida de xadrez para explicar como a língua se comporta como uma instituição social sem precedentes. Para Saussure (2004), a partida de xadrez é composta de lances e posições: a combinação desses dois elementos corresponde a uma diversidade de arranjos, que produz determinados deslocamentos. Da mesma forma, “uma diversidade sucessiva das combinações linguísticas (ditas estados de língua) que são provocadas por acidente são eminentemente comparáveis à diversidade de situações de uma partida de xadrez” (SAUSSURE, 2004, p. 177-178). Para o linguista,

cada uma dessas situações ou nada comporta, ou comporta uma descrição e uma apreciação matemática, mas não comporta dissertações vacilantes que partem do exterior alegando que foi uma força exterior (o jogador) ou um acontecimento histórico (o lance precedente) que mudou a posição das peças, e que, precedentemente, a situação do rei ou o estado da palavra x não seria absolutamente a mesma que é (SAUSSURE, 2004, p. 178).

Nessa perspectiva, Saussure (2004) afirma que, por essa razão, hesitará “a respeito da natureza da língua ou em acreditar que alguém possa revelar sua natureza, já que ela é fundamentalmente dupla: sendo essa a verdade central” (SAUSSURE, 2004, p. 178). A constatação da natureza dupla da língua leva Saussure a afirmar que a linguagem é uma instituição “sem análogo” (SAUSSURE, 2004, p. 182).

Diante dessas considerações sobre a natureza social da língua, convém deixar claro que Saussure “estava experimentando um envolvimento com um alto nível de reflexão que nutria incertezas epistemológicas” (BOISSAC, 2012, p. 122). Essa compreensão nos filia a de Faria (2020), a qual vincula a natureza social da língua no pensamento saussuriano à busca por uma elaboração formal da sua teoria sobre a linguagem.

5. Considerações finais

O nosso propósito foi analisar a natureza social da língua no pensamento saussuriano, utilizando como base referencial de pesquisa o *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]) e “Notas para um artigo sobre Whitney”, publicadas nos *Escritos de Linguística Geral* (2004), organizados e editados por Simón Bouquet e Rudolf Engler. Diante de nossos questionamentos, verificamos que Saussure se associa a Whitney na compreensão de que a língua corresponde a uma instituição social. No entanto, essa afirmação é aceita com ressalvas, pois, segundo ele, a língua não se configura uma instituição social como todas as outras (SAUSSURE, 2012 [1916]). Ao longo do *Curso* (2012 [1916]), Saussure reafirma por diversas ocasiões a distinção entre o seu pensamento sobre a natureza social da língua e o pensamento whitneyriano, sempre apontando para as especificidades da língua como atividade que se situa no nível do inconsciente, impossibilitando, dessa forma, seus deslocamentos de valor diante da vontade individual e/ou coletiva, de forma geral e repentina.

Ainda na tentativa de explicar essa especificidade da natureza social da língua, Saussure (2004), em suas “Notas para um artigo sobre Whitney”, lança mão da metáfora do jogo de xadrez, no qual os deslocamentos das

peças e, conseqüentemente os seus valores no tabuleiro, são resultantes de combinações de lances e posições. Da mesma forma, as combinações linguísticas resultam em uma diversidade de possibilidades, no entanto, bem diferente do jogo de xadrez, essas possibilidades linguísticas não correspondem a vontades exteriores ou a acontecimentos históricos; pois, conforme Saussure (2004), a natureza da língua é “fundamentalmente dupla” e, por isso, caracteriza-se como uma “instituição sem análogo”.

Os limites de um artigo não permitem que questões complexas como a natureza social da língua no pensamento saussuriano sejam tratadas exaustivamente. Por essa razão, assim como Boissac (2012) e Faria (2020) e, considerando o pesquisador metódico que Saussure era, acreditamos que ele ainda lidava com incertezas epistemológicas essenciais para a formulação da sua teoria. Nesse sentido, novas leituras e reflexões sobre o pensamento saussuriano são necessárias e bem-vindas, considerando o aspecto inacabado da sua teoria.

Referências

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. São Paulo, Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. São Paulo, Pontes, 2006.

BOUISSAC, P. **Saussure: um guia para os perplexos**. Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

CÂMARA, JR. J. M. **História da Linguística**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORREIA, A. P. B. **A Dêixis na construção de sentidos em comentários alusivos ao nordeste: um estudo enunciativo em sites esportivos e suas implicações no ensino de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.

CRUZ, M. A; FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 62, jan./jun. 2019 – ISSN 2317-9945

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

FARIA, N. R. B. “A linguagem é uma instituição sem análogo”: ainda sobre o “social” em Whitney e em Saussure. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-16, 2020.

FIORIN, L; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

MACHADO, B. F. V. Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística

e psicanálise. **Alfa**. Araraquara, v. 55, n. 1. P. 271-286, 2011.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MILNER, J.C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial, n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. In: BOUQUET, S; ENGLER, R. (Org.). Trad. Carlos Augusto L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SIQUEIRA, V. **Há inconsciente em Saussure?** Colunas Tortas, 2018. Disponível em: colunastortas.com.br. Acesso em: 20 mai. 2023.